

Enquadramentos Jornalísticos, Revisionismo Histórico e a Ditadura Militar em Mato Grosso do Sul: um Projeto de Pesquisa¹

Ana Carolina de Souza Gonçalves²
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

Este projeto de pesquisa, em nível de mestrado, propõe analisar se o jornal *Correio do Estado* reproduz narrativas revisionistas sobre o golpe de 1964 e a ditadura militar, a partir da cobertura da política nacional. A metodologia adotada é a análise de enquadramento, que investiga como certos aspectos da realidade são destacados pelas narrativas midiáticas. A pesquisa abarca os contextos histórico e ideológico da imprensa sul-mato-grossense e seu papel na legitimação da ruptura democrática de 1964. Busca-se compreender como valores culturais e ideológicos influenciam a construção das narrativas sobre o passado e na constituição da memória histórica.

PALAVRAS-CHAVE: ditadura militar; mídia regional; análise de enquadramento; *Correio do Estado*; revisionismo histórico.

INTRODUÇÃO

No dia 05 de janeiro de 2025, a atriz Fernanda Torres foi a vencedora da categoria “Melhor atriz em filme de drama” no Globo de Ouro em virtude de sua atuação em “Ainda estou aqui” (2024). Dirigido por Walter Salles, o filme apresenta a história de Eunice Paiva e sua família após a prisão e desaparecimento do político e empresário Rubens Paiva durante a ditadura militar (1964-1985). Segundo a Comissão Nacional da Verdade (CNV), Rubens Paiva foi um dentre outros cidadãos brasileiros vítimas da institucionalização de um aparato repressivo que se utilizou de prisões arbitrárias, tortura, e da prática de ocultação de cadáveres após a morte durante o regime ditatorial (Napolitano, 2021).

Tal acontecimento, uma vez interpretado à luz da efeméride dos 60 anos do golpe civil-militar de 1964, poderia indicar um processo ativo de (re) construção da memória em torno do legado da ditadura militar no Brasil. Como apresenta Michael Pollak (1992), o conceito de memória transpassa a existência de memórias meramente subjetivas e individuais: para o autor, o conceito pode ser entendido também como o

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos da Comunicação, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGCOM-UFMS), e-mail souza.goncalves@ufms.br.

resultado de um processo de organização de uma gama de elementos, que podem se tornar componentes de uma memória coletivamente compartilhada por um grupo social. Nesse sentido, o estabelecimento de um determinado elemento como signo representativo da memória de um povo deve ser interpretado como o resultado das confluências e lutas políticas travadas no tempo histórico em que se insere, levando em consideração que outras dinâmicas podem destituí-la de sua representatividade social.

Ao correlacionar o trabalho de Pollak (1992) com “Ainda estou aqui” (2024), podemos evidenciar a existência de um cenário atual de disputas narrativas, travadas em torno da memória sobre o período histórico da ditadura militar. Nesse sentido, pode-se afirmar que a memória social sobre esse período histórico é colocada em uma posição de constante tensionamento por parcelas da sociedade civil brasileira, que defendem uma interpretação revisionista do caráter autoritário e violento, assim como das implicações políticas, sociais e econômicas do regime político exercido entre 1964 a 1985.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No Brasil, conforme pontua Ana Carolina Zimmermann (2023), o período da ditadura militar configura-se como uma temática permanentemente em disputa no debate público nacional, estando suscetível à produção e disseminação de correntes interpretativas revisionistas sobre o governo exercido pelos militares. Zimmermann (2023) se vale da definição proposta por Pereira (2022), na qual o revisionismo histórico não é definido simplesmente como o ato de se negar a existência de um determinado acontecimento, mas como uma forma de instrumentalização do passado de modo a “justificar os combates políticos do presente, a fim de construir uma narrativa alternativa que, de algum modo, legitima certas dominações e violências” (Zimmermann, 2023, p.5 apud Pereira, 2022, p.39-40). O contexto atual de disseminação de teorias revisionistas sobre a ditadura militar tomou novas proporções a partir das eleições presidenciais em 2018, na qual um deputado federal, publicamente defensor da ditadura militar e propagador de perspectivas revisionistas sobre esse período histórico, foi eleito presidente do Brasil (Nunes; Traumann, 2023; Zimmermann, 2023).

Para Nunes e Traumann (2023), as eleições de 2018 representaram um momento de inflexão para a política nacional: é a partir de 2018 que observa-se a transmutação da polarização política em um elemento determinante para a constituição das identidades, afetos e escolhas cotidianas tomadas pelos indivíduos. Inserido igualmente em uma lógica de guerras culturais (Melo; Vaz, 2021), o atual cenário da política brasileira permite identificar a mobilização de temas estanque utilizados por grupos políticos como elemento de unificação e mobilização de suas bases de apoio. E, dentre uma gama de diversas temáticas mobilizadas nesse contexto, o golpe de 1964 e a ditadura militar são alvos constantes de disputas narrativas travadas em torno de sua significação.

Após a derrota de Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2022, parcelas dos apoiadores de Bolsonaro permaneceram por praticamente três meses acampados em regiões próximas a quartéis do Exército em todo o território nacional, alegando protestarem contra uma suposta ‘fraude eleitoral’. No dia 08 de janeiro de 2023, parte considerável desses apoiadores invadiram e depredaram a praça dos Três Poderes em Brasília, de modo a promover um estado de caos social, e incitar às Forças Armadas a aplicar o artigo 142 da Constituição Federal, artigo utilizado para justificar um possível caráter moderador das Forças Armadas sobre os demais poderes da República³.

Em Mato Grosso do Sul, unidade federativa criada durante a ditadura militar, Jair Bolsonaro obteve um percentual de quase 60% dos votos do eleitorado no segundo turno das eleições de 2022⁴. Para além da relação existente com a ditadura militar a partir da criação do estado em 1977, a relação entre o estado de Mato Grosso do Sul com o golpe de 1964 e a ditadura militar apresenta-se a partir de perspectivas mais amplas. De acordo com Suzana Arakaki (2015), a porção sul do estado de Mato Grosso experienciou uma abrupta escalada autoritária logo após a remoção de João Goulart da presidência com o golpe civil-militar de 1964. Segundo Alline Gois (2020), seguindo a tendência observada nos principais veículos de comunicação nacionais, a mídia local também atuou para legitimar a tomada de poder pelos militares. Fundado em 1954 por membros da União Democrática Nacional (UDN) e por representantes das elites

³ Relatório da Polícia Federal. Disponível em: https://s3.glbimg.com/v1/AUTH_8b29beb0cbe247a296f902be2fe084b6/2024/html/politica/golpe-de-estado/relatorio-final-pf-golpe.pdf?_gl=1*14r5wx4*_ga*NTYwMTA5Nzg5LjE3MzlyOTg5MDM*_ga_5401XJ0K8J*MTczNDQwNDU0NC42LjEuMTczNDQwNDU3NC4zMC4wLjA. Acesso em 20 de jan. de 2025.

⁴ Dados divulgados pelo Tribunal Superior Eleitoral. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-2022/divulgacao-dos-resultados-das-eleicoes-2022>. Acesso em: 23 de jan. de 2025.

econômicas locais, o jornal *O Correio do Estado* foi idealizado como canal de veiculação dos interesses das elites hegemônicas da porção sul de Mato Grosso. Tal apoio político se deu para além de uma posição circunstancial no contexto sócio-histórico em que se insere a ruptura democrática em 1964, e se estendeu inclusive durante o ápice do período repressivo e autoritário após o decreto do Ato Institucional nº5.

PROBLEMA DE PESQUISA

Uma análise sobre a atual conjuntura da política nacional permite traçar paralelos entre duas experiências golpistas recentes na história brasileira: o golpe de 1964 e a tentativa de golpe de 08 de janeiro de 2023. Nesse sentido, pode-se afirmar que os grupos políticos e sociais atuantes na tentativa golpista de 2023 se valeram de uma visão saudosa, idealizada e revisionista sobre o golpe de 1964, da ditadura militar e das Forças Armadas. Nesse sentido, o presente projeto de pesquisa configura-se como um estudo que objetiva realizar discussões sobre o cenário político nacional, marcado pela polarização e pela radicalização política, por um contexto de guerras culturais, e também pela existência de disputas narrativas em torno da significação do passado histórico. Além disso, ao realizar uma aproximação entre dois momentos/fenômenos políticos temporalmente distanciados por mais de meio século, este projeto de pesquisa representa uma possibilidade de desvelamento das rupturas e as continuidades entre passado e presente, e ainda busca evidenciar como e de quais formas as fissuras provocadas pelo passado histórico podem impactar na ocorrência de fenômenos políticos e sociais contemporâneos.

Uma vez inserido no campo dos estudos em Comunicação e Jornalismo, almeja-se produzir contribuições para os estudos na interface entre comunicação e política, a partir da utilização da análise de enquadramento jornalístico como suporte teórico-metodológico. A partir da análise da cobertura jornalística dos atuais acontecimentos da política nacional, este trabalho busca produzir reflexões sobre a atual dinâmica entre os setores midiático e político nacionais. Ademais, acredita-se que o emprego de um enfoque regional configura-se de grande valia para os estudos de mídia regional, não somente a partir de uma revisão teórica capaz de apresentar as dinâmicas da atuação da imprensa sul-mato-grossense identificadas no passado, mas também

elucidar o atual contexto de produção de conteúdos jornalísticos em Mato Grosso do Sul.

Dessa maneira, possui-se como problema central de investigação a seguinte indagação: a mídia regional, na figura do jornal *Correio do Estado*, reverbera, a partir da cobertura jornalística dos acontecimentos da política nacional, teorias revisionistas sobre o golpe de 1964 e da ditadura militar? Nesse sentido, tendo essa pergunta como direcionamento para a condução da pesquisa, possui-se como hipóteses o seguinte questionamento: como a atuação da mídia sul-mato-grossense impactou, e ainda impacta, na atribuição de significados sobre o golpe de 1964 e da ditadura militar brasileira?

Ademais, apresenta-se como hipótese central de pesquisa a premissa de que os contextos culturais ideológicos partilhados por um determinado grupo social exercem uma relação de influência sobre quais são os tipos de enquadramento utilizados pela mídia na representação dos acontecimentos sociais. Dito de outra maneira, acredita-se que é a partir de aspectos de ordem estrutural de uma dada sociedade, como os valores culturais, históricos e ideológicos, que orientam o trabalho jornalístico na representação sobre quais visões de mundo serão apresentadas em detrimento da supressão de outras formas de se interpretar a realidade social (Raposo, 2018, p.92).

METODOLOGIA

Dessa forma, este projeto de pesquisa está ancorado em três eixos temáticos principais. O primeiro baseia-se no emprego da análise de enquadramento jornalístico, a partir das contribuições teóricas de Entman (1993), Goffman (2012), Gitlin (2003) e Carvalho (2009). Em um segundo momento, volta-se para as discussões em torno do golpe de 1964 e da ditadura militar, tendo como um de seus principais pilares conceituais o trabalho do autor Juremir Machado da Silva (2014), que designa o golpe de 1964 como um golpe midiático-civil-militar. Ademais, a partir de uma perspectiva regional, volta-se para discussões em torno da participação da imprensa sul-mato-grossense, na figura do jornal *O Correio do Estado*, neste período histórico, de modo a evidenciar, a partir dos trabalhos de Suzana Arakaki (2015) e Alline Gois (2020), as implicações exercidas por esse período para o estado e para a imprensa de

Mato Grosso do Sul. Por fim, volta-se para as discussões em torno dos conceitos de polarização política, guerras culturais, e revisionismo histórico.

REFERÊNCIAS

ARAKAKI, Suzana. **As implicações do golpe civil-militar no sul de Mato Grosso: apoio civil, autoritarismo e repressão (1964-1969)**. 2015. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados.

CARVALHO, C. A. **Sobre limites e possibilidades do conceito de enquadramento jornalístico**. Contemporânea, v. 7, no 2, p. 01-15, 2009.

ENTMAN, R. M. **Framing: towards clarification of a fractured paradigm**. Journal Communication, v. 43, n.4, 1993.

GITLIN, T. **The whole world is watching: mass media in the making and unmaking of the New Left**. Berkeley, Los Angeles e Londres: University of California Press, 2003.

GOFFMAN, Erving. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Ed. Vozes. 2012.

GOIS, Alline. **Correio do Estado: porta-voz da ideologia udenista na ditadura militar**. 2020. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

MELO, Cristina; VAZ, Paulo. **Guerras culturais: conceito e trajetória**. Revista ECO-Pós, v. 24, n. 2, 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: história do regime militar brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

NUNES, Felipe; TRAUMANN, Thomas. **Biografia do abismo: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992, p. 200-212.

RAPOSO, Maurício de Melo. **Enquadramento jornalístico dos conflitos entre indígenas e produtores rurais em Mato Grosso do Sul: discursos identitários como quadro de referência primários**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande.

SILVA, Juremir Machado da. **1964. Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ZIMMERMANN, Ana C. **O revisionismo histórico nas comemorações do golpe civil-militar de 1964 durante o governo Bolsonaro (2019-2022): heranças autoritárias e encerramento do passado**. História da Historiografia, v. 16, n. 41, p. 2003, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hh/a/KYYGNMhtKtjgFyGg6gT3vwG/>. Acesso em: 9 de dez. de 2024.



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande/MS - 20 a 22/05/2025